

Notas sobre a oferta de bonecas e seu consumo por crianças

Mariana Ceci¹

Resumo: Em nossa sociedade, nos acostumamos a olhar para o passado com nostalgia. Com a passagem do tempo, elementos da infância se tornam queridos e bons de lembrar. E retornando ao tempo atual não deixamos de questionar certas dinâmicas. Estas notas de pesquisa revisitadas com um olhar mais amadurecido, buscaram ainda pensar sobre como certos processos socioculturais influenciam na produção dos corpos infantis, em nossa realidade, e a relação entre cultura, artefato cultural e consumo.

Palavras-chave: Oferta de brinquedos; Artefatos culturais; Bonecas.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGE-UDESC. Este texto foi produzido com apoio PROMOP/UDESC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1139928351931522>. E-mail: mariana.ceci04@gmail.com.

Notes on the offer of dolls and their consumption by children

Abstract: In our society, we have become used to look at the past with nostalgia. Throughout time, elements of childhood become dear and nice to remember. Now coming back to current times, we feel the urge to question certain dynamics. These research notes, revisited with a more mature focus, also sought to think about how certain sociocultural processes influence the production of children's bodies, in our reality, and the relationship between culture, cultural artifact and consumption for this purpose.

Keywords: Offer of toys; Cultural artifacts; Dolls.

Introdução

O presente material de leitura se trata da ampliação de um recorte do meu Trabalho e Conclusão de Curso, *Erotização, adultização e pedofilização da infância: reflexões à Pedagogia a partir das teorizações de Jane Felipe (2021)*ⁱ, elaborado durante a graduação em Pedagogia, nos espaços do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Proponho neste, portanto, uma revisitação a esse trabalho, descentralizando o olhar antes sobre a construção de conceitos feita por Jane Felipe, que vai seguir sendo fundamental na elaboração da escrita, e focando mais precisamente sobre as bonecas, a cultura, e a oferta e o consumo de brinquedos. Esse retorno, no entanto, foi suscitado pelo desejo de reflexão sobre certas questões que na construção da monografia não houve oportunidade. Então trago um gostinho do meu trabalho somado a novos diálogos, que virão a enriquecer a discussão.

Para melhor compreensão sobre como esta escrita foi estruturada é importante explicar que esta produção se caracteriza por ter uma abordagem qualitativa, e ser do tipo Bibliográfica. É através de Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009)ⁱⁱ que eu argumento que uma pesquisa bibliográfica envolve o levantamento de referências teóricas, assim como esta que toma forma. É por meio dela que as respostas para as questões provocadas vão procurar ser respondidas, com reflexões a partir das obras analisadas.

As mesmas autoras enfatizam que a pesquisa de abordagem qualitativa trabalha com valores que não podem ser medidos e que quem atua com essa abordagem tem um intuito explicativo, se valendo de diferentes metodologias, não se foca nos números e valoriza as questões que rodeiam o tema da pesquisa.

Aqui reflito sobre os conhecimentos desenvolvidos *principalmente* por Jane Felipe, com os trabalhos *Afinal, quem é mesmo pedófilo?*, *Erotização dos corpos infantis*, *Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo*, *Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet* e *Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil* (2006^{III}, 2013^{IV}, 2003^V, 2015^{VI}, 1995^{VII}), que contribuem para uma melhor percepção da relação entre cultura e corpo, especialmente o infantil, em nossa sociedade; por Fernanda Theodoro Roveri, com sua produção intitulada *Barbie: Tudo o que você quer ser... Ou considerações sobre a educação de meninas* (2008)^{VIII}, que auxilia a verificar estrutura que configura esse mundo da *Barbie*, que é uma boneca e personalidade e que pode ser considerada a matriz de tantas outras que foram aparecendo no mercado; por Antonio Gramsci e seu *Caderno 22* dos seus *Cadernos do cárcere, volume 4* (2014)^{IX}, ao elucidar sobre a relação entre consumo e produção enquanto parte de uma dinâmica de reprodução da sociedade; por Dermeval Saviani e sua discussão sobre *A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar* (2013)^X, que tece reflexões fundamentais para pensar em uma formação humana integral; e por François Hartog, através de seu trabalho em *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo* (2013)^{XI}, que proporciona uma nova forma de entender como as dinâmicas da nossa sociedade se entrelaçam em nossa relação com o tempo atual.

Em termos de projeto de sociedade, oferta de brinquedos e bonecas

Para começar o diálogo com vocês, leitores, alego que é sempre válido lembrar os direitos das crianças, conquistados com tantos esforços e estudos, até mesmo para iniciarmos as reflexões sobre a formação humana em nossa sociedade partindo do desenvolvimento infantil. Dentro da Declaração dos Direitos

das Crianças, da ONU (1959)^{xii}, há dois princípios que quero destacar e que serão importantes para fazermos o exercício de refletir sobre a oferta de brinquedos: o sexto, que reivindica o direito das crianças terem a oportunidade de se desenvolver plenamente, que seu desenvolvimento seja completo, e o sétimo princípio, que indica que constitui também como direito delas a recepção de uma educação que lhe torne acessível a cultura e contribua para seu desenvolvimento. Fica como responsabilidade daqueles que a orientam proporcionar o ambiente adequado para isso. Tendo em vista a seriedade de tal compromisso (é sobre a formação, o desenvolvimento de um ser), cabe a nós refletir sobre o que estamos oferecendo a elas.

Pensando a partir desse entendimento, podemos entender que nossas práticas em torno da criança devem se pautar na reflexão sobre nossas ações e serem intencionais, colocando o desenvolvimento das capacidades da criança, enquanto ser humano, como objetivo. Para isso, a/o educadora/or precisa estar atento à relação que tece entre conteúdo e como o trabalha, ela precisa ser adequada em sua execução. É preciso ter em mente que elementos culturais estão presentes no contexto e que interagem com ela, tal como sobre o modo como a criança está se apropriando deles no dia a dia. Pasqualini (2015)^{xiii} remete a Vygotsky para defender a introdução de signos, de forma crítica, pois eles se tratam dos elementos que compõem a realidade e são captados pelo ser, ressignificados, absorvidos e externalizados na forma de ação/comportamento/personalidade/fala pelas pessoas. Podemos compreendê-los como elementos-essência da realidade, que a tornam compreensível e promovem sua transformação. Logo, é possível compreender que a atenção aos símbolos impressos no ambiente é uma peça-chave.

Quando nos remetemos à nossa própria infância é muito difícil não lembrar daquelas brincadeiras, da nostalgia de brincar a sós ou com um grupo de amigos,

em casa ou num espaço aberto. Dependendo da sua experiência, ainda pode ser possível que você se lembre de seus responsáveis fazendo brinquedos ou acessórios para você brincar, como carros, rampas, espada, varinha, fantasias, bonecas, roupinhas para bonecas bebês, ou tipo *Susie* e *Barbie*, e outros. Ainda conforme as suas vivências pode ser que recorde de ter inveja daquele parente/amiga(o) que tinha determinada coisa e você não.

Se você é de uma geração mais anterior ou tinha menos condição, pode lembrar que havia o desejo por brinquedos, mas que eles sozinhos não faziam a brincadeira. Estaria eu precipitada em pensar que aumentou a quantidade e a emergência por brinquedos? O que haveria por trás disso?

Nosso regime de historicidade atual revela uma relação específica nossa com relação ao tempo e ao nosso presente, com, por um lado, o sentimento compartilhado de que o tempo flui aceleradamente e que é preciso de mover para acompanhar, enquanto é vivido subjetivamente diretamente se relacionando com a condição do ser dentro da teia de dinâmicas da sociedade. Tal como fala Hartog,

Longe de ser uniforme e unívoco, este presente presentista é vivenciado de forma muito diferente conforme o lugar ocupado na sociedade. De um lado, um tempo dos fluxos, da aceleração e uma mobilidade valorizada e valorizante; do outro, aquilo que Robert Castel chamou de précariedade, isto é, a permanência do transitório, um presente em plena desaceleração, sem passado [...].^{xiv}

Conforme ainda o autor, o ser humano pertence a duas eras. Ele recomeça o passado, não o esquece ou abole, e loucamente, ao mesmo tempo, tenta inovar, caminha para um futuro que desconhece. Podemos através da leitura do mesmo, dizer que este é um tempo desorientado: nos distanciamos do passado, caminhamos a um futuro e buscamos um sentido. Nesse sentido, a memória do

passado se torna um elemento importante, identificador e significante do eu e da realidade.

Mas não é sobre saudosismo este artigo, e sim sobre ponderar quanto uma forma de brinquedo específica, a boneca. E não é sobre aquelas bonecas grande "do seu tamanho" ou bebês, mas aquelas que imitam o corpo adulto, como as *Barbies*, *Susis*, *Lols* etc... Por quê? Elas representam um tipo de corpo bem específico, tal como discursos. Na modelagem clássica delas há um evidente apelo adulto. Elas dão forma a uma mulher ideal, o que, por si só, nos entrega muitos sentidos, e que é comercializada com várias mensagens educativas, sobre classe, gênero, etnia etc...

Creio que podemos apontar, através da leitura de Hartog (2013), que há dois movimentos frente nossa relação com o tempo: O de acompanhar o ritmo acelerado rumo a um futuro melhor, imediatista, ansioso pela sua versão mais nova, onde eu localizo os esforços da indústria cultural e produção de bonecas; E o de se esforçar em, por comparação, se reconectar ao passado e buscar nele uma compreensão sobre a realidade atual, que pode indicar um movimento de desaceleração, uma tentativa de parar e dar um diagnóstico sobre esse agora, porque se entende que o futuro pode não ser melhor e que temos muitas pontas soltas para lidar.

No que tange o corpo infantil e os fenômenos que o atravessam, é importante recordar os conceitos trabalhados por Jane Felipe ao longo de sua produção, quanto à adultização e à erotização da infância. Sobre a adultização as autoras (PRESTES, FELIPE, 2015), explicam que, focando na questão das meninas, desde o início de suas vidas internalizam que suas qualidades estão relacionadas a capacidade de reparação da sua beleza, tendo como modelo exemplar o padrão estético da mulher adulta. Impulsionado pela mídia, contribui para que adotem comportamentos de mulheres adultas. E sobre o fenômeno da erotização

(FELIPE, GUIZZO, 2003; PRESTES, FELIPE, 2015) dissertam que erotismo é sobre ações/jeitos e imagens que apelam ao sensual, sexual, sem conteúdo explícito, enquanto a erotização atua como um processo vitalício, que acompanha o ser do nascer ao falecer, se apresentando nos modos de se expressar na realidade diária. A autora compreende que a erotização da imagem da criança sofre com os estímulos da mídia, que veicula imagens, num entremeio de inocência com malícia. Ceci amplia essa discussão:

Quer dizer, as crianças foram descobertas como consumidoras em potencial a partir da década de 50 do século XX, com o advento das tecnologias e desenvolvimento de novas formas de comunicação. Desde então, são produzidos, brinquedos, vestes, sapatos, produtos de higiene, e espaços especializados nesse novo alvo, e, é claro, seguindo um conceito de criança, menino e menina. E há além disso o marketing, que vende esses produtos, e se utiliza das mídias para fazer sua propaganda, vender o peixe.^{xv}

Mencionar essa descoberta da criança se torna relevante, portanto, para tomarmos conhecimento que há uma intenção midiática/publicitária/comercial em vender uma ideia-imagem a fim de vender um produto, precisando assim incluí-lo na narrativa cultural-social. Assim retornamos às discussões da autora Jane Felipe, que aborda e conceitualiza fenômenos presentes nas dinâmicas de nossa sociedade. Eles, no entanto, precisam de um vetor (produto?) para poderem atuar nos estratos da sociedade. Aqui cabe explicar sobre os artefatos culturais enquanto materiais que produzem a interlocução entre valores culturais e pessoas, seja como uma publicidade ou como um objeto manipulável.

Conforme a Jane Felipe (2006, 1995), em nossa contemporaneidade convivemos e interagimos com artefatos culturais, que existem nos atravessando com discursos, dos quais as crianças também não escapam. Esses artefatos atuam no campo da pedagogia cultural, através da música, da moda e da cultura

visual, a exemplo, na forma de produtos socioculturais, tecendo e dispersando entendimentos que a todo momento atingem diretamente a construção e organização do conhecimento coletivo. Quer dizer, esses artefatos educam construindo identidades, através de discursos, mensagens próprias de nossa cultura, e que contém contradições.

Aqui entra o comércio e consumo de bonecas, que constam como exemplares desses vetores culturais, na forma de publicidade e de brinquedo, de fato:

No que diz respeito às bonecas, enquanto artefatos culturais, principalmente as lançadas nos anos 2000 e 2010, que em trabalho anterior estive analisando, nota-se a fiel retratação do corpo feminino adulto-jovem, do físico à estética, com, por vezes, inspirações diretas em artistas reais. O *outfit* delas acompanhavam a tendência da moda da época e temáticas diversas, com intensa repetição da cor rosa e ampliação das possibilidades de customização, disponibilizando um *look* completo com roupa, sapato e acessórios, com referências na estética contemporânea da jovem mulher adulta. O salto era o padrão e a vestimenta seguia as curvas do seu corpo mulheril.

Apesar de certas marcas apresentarem coleções especiais, pensadas para colecionadores, isso não mudou a sua localização nas lojas, pois eram colocadas junto aos demais brinquedos, não havendo uma diferenciação no setor. Acompanhar a moda mais atual, adotar modelos corporais ainda mais inalcançáveis (como na linha *Basics* da *Barbie* associada a corpos e estética de modelos), apresentar modelos sociais, traduzir nas medidas de bonecas elementos do mundo adulto (uma linha da Susi apresentava a bonecas com várias possibilidades de lingerie em renda) e a emergência de adquirir o modelo mais novo, porque "você precisa delas para tornar sua brincadeira mais realista", para lhe ensinar X valores.

E isso se torna um problema quando pensamos no conteúdo e caracterização dessas artistas e o público ao qual se dirigiam e no status de modelo/paradigma tanto de certos artistas quanto de bonecas universais como a Barbie. Sem falar que elas representam todos os âmbitos da vida humana em nossa sociedade, como material, familiar, social e imaterial, na roupa, no fazer, nos gostos, na sociabilidade, na identidade e no corpo físico.

Se questiona quem produz e a intenção produzindo? Ou mesmo se as crianças se identificam com elas?

Essas bonecas produzidas e suas contradições se encontram com o que Jane Felipe vem falando sobre adultização, sexualização e erotização, e acrescimento consumismo, pois impelem renovadamente ao consumo da estética adulta e do objeto-brinquedo em si. Essas bonecas mexem com os desejos e preocupações, das crianças e famílias. É preciso destacar que os brinquedos infantis se estruturam em concordância com determinados valores culturais naturalizados.

Como vimos com Jane Felipe (2013) os produtos direcionados às crianças, principalmente meninas, se envolvem com a ideia de manutenção da beleza ligada ao feminino. As crianças aprendem a aspirar aquele corpo daquela boneca, que é baseado na estética da mulher adulta, com a maquiagem, cabelo, roupa e saltos. Tomando como base as falas de Prestes e Felipe (2015), entendo que a promoção das bonecas nesses moldes também pode influenciar na adultização.^{XVI}

Essa tendência de adultização, que prepara a criança para o que será no hoje, moldando seu olhar, foi muito bem pavimentada pela grande precursora das outras bonecas do gênero, a partir da qual foram se inspirando. A história da construção da hegemonia da *Barbie* traduz muito bem as discussões feitas até agora.

Sendo a *Barbie* produto da indústria estadunidense, de tradição liberal, é importante questionar como essa indústria atua e se estrutura. Gramsci (2017), em *Americanismo e Fordismo*, nos traz informações importantes para contemplar sua atuação na sociedade, que extrapola a venda do produto final. No seio de um país liberal-capitalista, as forças dominantes que atuam na sociedade possuem um modo bastante próprio de atuar, através da venda de ideias e modos de ser. O produto que nasce da indústria é mais que um objeto, é uma ideia, indo além das necessidades básicas: um projeto industrial de sociedade.

Esse é um projeto de sociedade que se constrói já na produção, que precisa de especialistas em política e ideologia. É um ambicioso trabalho de adequação dos sujeitos, "adaptação psicofísica" à estrutura social vigente, que se desenvolve. Gramsci (2017) ainda aborda a questão sexual como uma dimensão humana que vai ser atentada pelos ditos "projetistas", no plano da adaptação psicofísica, tendo em vista seu "amplíssimo papel" na sociedade. Sua repressão, regulamentação, acaba fazendo parte da estratégia, ao formar ideias de ser, impondo função econômica no ser sexual. Isso é interessante para a manutenção dessa própria sociedade, interferindo em sua própria reprodução como peça fundamental à produção.

Agora, pensando em todo potencial educador psicofísico da *Barbie*, não podemos deixar de recordar o mundo quando foi lançada. Ela surgiu pós-tensões da Segunda Guerra Mundial, num contexto em que a supremacia dos Estados Unidos ascendia, o novo paradigma do *American Way of Life* era altamente disseminado e inaugurava-se uma nova cultura do olhar. A hegemonia do seu país se construiu na base das relações internacionais, com políticas assistencialistas, e um corporativismo altamente articulado com a propaganda, veiculada em todas as mídias possíveis com o desenvolvimento nos meios de comunicação (ARRAES, 2010)^{xvii}. Vê-se, portanto, que na década de 1950 houve uma mudança do olhar

para a sociedade, e logo para a criança também: cada indivíduo é um consumidor em potencial.

O pioneirismo das estratégias da boneca mais famosa do mundo diz muito sobre sua história e do seu próprio país, tal como das ideias implícitas na sua venda às crianças. A *Barbie*, desde seus primórdios, se pautava no convencimento de seu público do consumir para ser, educar, se inspirar e inspirar outrem:

Graças à descoberta da criança como consumidora em potencial, a partir dos anos de 1950, os publicitários passaram a falar diretamente com ela. A princípio, a venda de brinquedos era direcionada aos pais, mas os criadores de Barbie foram os pioneiros em desenvolver técnicas de marketing e comerciais voltados ao público infantil. [...] As primeiras imagens televisivas de Barbie sugeriam que ela era uma modelo adolescente, pessoa real que até se mexia nas propagandas. Barbie nunca era mencionada como uma boneca comum. Há uma narrativa construída para fazê-la virar personagem e marcar presença no imaginário da menina, fazendo-a acreditar que pela posse da boneca uma melhor amiga e companheira lhe será confiada.^{xviii}

A *Mattel* para balancear sua forma adulta investiu em publicidade, chegando a Ernest Dichter, um PHD em pesquisa motivacional, “conhecido por conseguir manipular os desejos mais fortes enraizados no psíquico de uma pessoa, fazendo-a comprar produtos da moda”.^{xix} Então se a boneca era comercializada com uma roupinha de tricô que valorizava seus seios e reprovado pelas mães, a resolução era comercializar junto os instrumentos de tricô, tirando o foco de sua sensualidade e trazendo para sua habilidade de tricotar.

Mas ainda parecia faltar algo, que os consultores da *Mattel* foram percebendo com as reivindicações das crianças para a empresa, que pediam por saber mais da boneca e sua vida, conhecê-la melhor. Convencidos por seus consultores, a *Mattel* aceitou que *Barbie* falasse mais sobre si, através do discurso

publicitário e da comercialização de amigas e namorado para sua personalidade, construindo relações para ela, e a partir dessas relações situações (eventos, encontros, etc), a tornando mais humana. Quer dizer:

A publicidade não vende apenas a boneca, produto de plástico, ela trabalha para expandir o brinquedo no nível de uma marca, pois assim qualquer coisa pode ser da Barbie: roupas, artigos escolares, esportivos, eletrônicos, entre outros. A marca representa um modo de vida, um conjunto de atitudes, um conceito de feminilidade.^{xx}

E ideias se transformam com as mudanças da sociedade, as quais a *Barbie* e as demais bonecas se adaptam para estarem sempre se atualizando no mercado e permanecendo relevantes na sociedade. Apesar de não serem acessíveis a todas as crianças, elas ainda geram seu efeito educativo, expressam narrativas, discursos, da sociedade, capazes de incluir/excluir. Encontram uma forma de influenciar nas escolhas dos sujeitos, pelo gênero, pois especialmente a *Barbie*, está em todo lugar.

Considerações

No âmbito da formação, a/o docente ou a/o responsável precisa desenvolver uma consciência crítica sobre esses artefatos e se atentar a eles e sua interação com suas crianças/jovens. Tendo em vista toda a discussão, vale destacar a defesa das autoras Prestes e Felipe (2015) pela construção do hábito entre adultos de regularem conscientemente a exposição das crianças aos produtos da cultura, exercício que envolve o diálogo com elas, num trabalho de estar presente, consciente e estimular outros olhares.

Nem todas as crianças podem comprar os produtos que a publicidade da boneca se esforça para vender, mas têm acesso aos signos que ela reproduz. A linguagem que a *Barbie* exprime simbolicamente, assim como outros artefatos

culturais, está presente no desenvolvimento da identidade da criança em desenvolvimento. Esse produto cultural está envolvido por imagens e sons, que não são neutros, estão o tempo todo pondo conceitos e valores em pauta. Dentro de seu mundo, intrínseco ao nosso, educa silenciosamente e sensorialmente^{xxi}.

Dentro desta nossa forma particular de experienciar o tempo, em que podemos verificar uma incapacidade coletiva de escapar da busca pelo ganho imediato, em que sente o presente como um momento único, o tirano do instante^{xxii}, seria possível compreender que o mercado se aproveita disso e o consumo de sua mercadoria, no caso as bonecas, participa da ânsia de viver/ter/ser uma experiência no agora. Quer dizer, os artefatos, os fenômenos e as pedagogias culturais se conectam na teia de nossa realidade, formando sujeitos que buscam identidade de várias formas, uma delas pelo consumo. O que torna mais emergente o movimento de consciência sobre a oferta de brinquedos às crianças. Ter consciência, no entanto, não quer dizer negar acesso aos artefatos, mas promover um acesso e consumo mais atento dos seus prós, como a possibilidade de desenvolvimento de habilidades, e seus contras.

Bondía (2002)^{xxiii} bem fala sobre o saber de experiência. Para ele, a experiência, de fato, é o que nos acontece, nos toca, o que consta como um gesto até contrário ao movimento de produção desenfreada de informações. O saber de experiência está relacionado ao ato de parar, de diminuir de os ritmos. É constituído de forma construtiva e interativa.

Não é próprio da narrativa do autor, mas penso que podemos usar suas palavras duplamente. O saber de experiência é algo que nos toca sem que possamos tocar. Na dinâmica cultural o sentido também é um instrumento importante na constituição de nossos conhecimentos, ele mexe com nossos interesses e estimula diálogos com o nosso pensar, de como olhamos para o mundo. A questão é quem quer vender algo vai apelar para a cultura e para os

sentidos. Cabe a nós ter consciência disso e ponderar os símbolos que quer que nos atravessem são positivos. Precisamos ser críticos, pois a forma como nos relacionamos com nosso tempo, na atualidade, contribui, por um lado, para uma desatenção, uma desorientação, a realidade da nossa experiência.

Como diz Bondá: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”^{XXIV}. E se a indústria cultural tem noção disso? Quer dizer que precisamos de uma postura específica, no hoje, pois qual saber de experiência está sendo internalizado pela criança?

A educação é um processo, que agindo de forma direta e intencional, tem um caráter crítico e humanizador. Educar para o desenvolvimento de indivíduos omnilaterais pede por uma criticidade para com as experiências propostas às crianças. Envolve uma postura preocupada e cuidadosa. Cabe aqui lembrar que os direitos das crianças, expressos na Declaração de 1959, que vimos no início deste artigo, embasam tal necessidade e a responsabilidade de nós, adultos, que as orientam, de propor um desenvolvimento pleno a elas, através do que as ofertamos. O amor e a compreensão que a declaração pede, principalmente aos adultos responsáveis, está relacionada a um senso de cuidado, de responsabilidade, que exige atenção, consciência sobre tal oferta.

A partir das discussões sobre as bonecas e com apoio do conhecimento de Saviani (2013), entende-se que nessa sociedade a educação ultrapassa as paredes escolares formais e possui um papel duplo, que depende de quem ela serve. A educação é um processo que vem junto também do produto que sua sociedade exporta, que se servir a certos interesses ela funcionará para a reprodução de determinado estado das coisas. A fim de que o brincar tenha um aspecto enriquecedor no desenvolvimento humano das crianças, os adultos precisam ter consciência do potencial dos brinquedos.

Notas

^I CECI, Mariana. **Erotização, adultização e pedofilização da infância**: reflexões à Pedagogia a partir das teorizações de Jane Felipe. 2021. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

^{II} GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

^{III} FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos pagu**, Campinas, (26), jan.-jun. 2006, p. 201-223. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2024.

^{IV} FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 54-66.

^V FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42), p. 119-130, set./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643865/11342>. Acesso em: 10 mar. 2024.

^{VI} PRESTES, Liliâne Madruga; FELIPE, Jane. Entre *smartphones* e *tablets*: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. **Pesquisa em Foco** (UEMA), v. 20, p. 4-20, 2015. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1009 Acesso em 09 de fev. 2024.

^{VII} SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais**: implicações para a educação infantil. 1995: 195. Disponível em: http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.

^{VIII} ROVERI, Fernanda Theodoro. **Barbie**: Tudo o que você quer ser... Ou considerações sobre a educação de meninas. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: 2008.

^{IX} GRAMSCI, Antonio. Caderno 22 (1934): Americanismo e fordismo. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 4**. [recurso eletrônico] Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sergio Henriques, Marco Aurélio Nogueira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

^X SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, dez. 2013. p. 25-46. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9697>. Acesso em 14 de março de 2024

^{XI} HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

^{XII} ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf> . Acesso em: 14 de março de 2024

^{XIII} PASQUALINI, Juliana Campregheer. Objetivos do ensino na educação infantil à luz da perspectiva histórico-crítica e histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em**

Debate, Salvador, v. 7, n. 1, jun. 2015. p. 200-209. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12776>. Acesso em: 14 de março de 2024.

^{xiv} HARTOG, Op. cit., p. 14.

^{xv} CECI, op. cit., p. 37.

^{xvi} Idem, p. 33.

^{xvii} ARRAES, Marcos Alexandre de M. S.. Discursos e imagens do americanismo no pós-guerra. In: **IX Encontro Internacional da ANPHLAC** (Associação de Pesquisadores e Professores de História das Américas). Goiânia, julho de 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5244068>. Acesso em: 14 de março de 2024.

^{xviii} ROVERI, op. cit., p. 3.

^{xix} Idem, p. 48.

^{xx} ROVERI, op. cit., p. 4.

^{xxi} Idem.

^{xxii} HARTOG, op. cit.

^{xxiii} BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. Jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 14 de março de 2024.

^{xxiv} Idem, p. 21.

Referências

ARRAES, Marcos Alexandre de M. S.. Discursos e imagens do americanismo no pós-guerra. In: **IX Encontro Internacional da ANPHLAC** (Associação de Pesquisadores e Professores de História das Américas). Goiânia, julho de 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5244068>. Acesso em: 14 de março de 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. Jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 de março de 2024

CECI, Mariana. **Erotização, adultização e pedofilização da infância**: reflexões à Pedagogia a partir das teorizações de Jane Felipe. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 54-66.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos pagu**, Campinas, (26), jan.-jun. 2006, p. 201-223. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/zZSN3sYGnVJH6rB6Wwws5Qd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2024.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42), p. 119-130, set./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643865/11342>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 22 (1934): Americanismo e fordismo. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 4**. [recurso eletrônico] Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sergio Henriques, Marco Aurélio Nogueira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2024.

PASQUALINI, Juliana Campregheer. Objetivos do ensino na educação infantil à luz da perspectiva histórico-crítica e histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, jun. 2015. p. 200-209. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12776>. Acesso em: 14 de março de 2024.

PRESTES, Liliâne Madruga; FELIPE, Jane. Entre *smartphones* e *tablets*: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. **Pesquisa em Foco** (UEMA), v. 20, p. 4-20, 2015. Disponível em:

https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1009

Acesso em 09 de fev. 2024.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **Barbie**: Tudo o que você quer ser... Ou considerações sobre a educação de meninas. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: 2008.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, dez. 2013. p. 25-46. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9697>. Acesso em 14 de março de 2024.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais**: implicações para a educação infantil. 1995: 195. Disponível em: http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.

Submetido em: 15/03/2024

Aprovado em: 30/08/2024

Publicado em: 12/11/2024